

Rua das Flores 130 1.ª cidade

# CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



## SUMMARIO

As martyres de Minsk.....	<i>Padre José Victorino Pinto de Carvalho</i>
O Pessimismo.....	<i>Padre Antonio Hermano</i>
Antes de Christo.....	<i>Padre Henrique Gomes</i>
Ninharias.....	<i>José d'Averedo Meneses</i>
A Escola.....	<i>J. Machado</i>
A Cruz do Cemiterio.....	<i>Mattos Ferreira</i>
A Crença.....	<i>J. d'Oliveira</i>
Delenda Religio.....	<i>J. Pereira da Costa</i>
A donzella professando no claustro...	<i>Padre Joaquim J. Soares</i>
À roda da politica europeia.....	<i>Padre Antonio Hermano</i>
Quatrefages.....	<i>Cosmos</i>
Notas e Impressões.....	<i>Bruno d'Almeida</i>

*Prevenção.*—As pessoas que não devolveram o primeiro numero ficam sendo consideradas como assignantes.

*Assignatura.*—1\$000 reis por anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Hermano—*Collegio de S. Damaso—Guimarães.*



PORTO

Typographia de José da Silva Mendonça

11, RUA DA FABRICA, 11

# CRENÇA & LETRAS

---

## AS MARTYRES DE MINSK

(Episodios d'uma perseguição na Russia)

### I

O estabelecimento do Christianismo é uma serie admiravel de prodigios de valor, constancia e heroismo. O sangue de millhões de martyres correu a jorros, e sobre elle se levantou o esplendido edificio da Egreja Catholica!

As perseguições que o Christianismo soffreu no seu berço, foram crudelissimas; mas o sangue de tantas victimas produziu effeito opposto ao desejado pelos algozes: em vez de submergir a religião, pelo contrario, regando-lhe os alicerces, fel-a crescer, florescer e estender-se a todo o mundo conhecido!...

Jesus Christo, morrendo pela sua obra, deu a seus discipulos um exemplo sublime de mansidão, humildade, resignação e constancia no meio dos mais atrozes tormentos!...

E assim a Religião christã, amparada pela mão poderosa do seu Divino Fundador, por cada campeão que lhe arrebatava a mão do algoz, acolhia mil filhos em seu divino seio!...

Mas, se as perseguições do imperio romano, em que se denota uma malvadez louca, não conseguiram obstar aos progressos da religião nascente, as que se lhe seguiram nos tempos modernos, principalmente esta de que vou fallar, patenteando uma ferocidade calculada, fria e systematica, não conseguiu mais do que sacrificar algumas victimas inoffensivas, e chamar sobre a memoria de seu auctor, a maldição de todas as pessoas honestas e de coração generoso!...

Ha muitos annos que me cahiu entre as mãos um livro, em que se contam esses terrores. Li-o, e em uma pagina em branco, escrevi então estes periodos :

«Lêde e horrorisai-vos! A's perseguições dos Neros Decios, Dioclecianos, e a todas as que os imperadores romanos moveram contra a religião de Jesus Christo, ás paginas sanguinolentas da revolução franceza, juntae os factos narrados n'este livro, que de tantos horrores, são elles dignos companheiros. . .

«O Czar Nicolau da Russia patentea-se aqui mais barbaro, que os furiosos assassinos de Madame de Lamballe, do Arcebispo d'Azles, do conde de Brissac, e de tantas outras illustres victimas, que a hydra da revolução devorou, no seu furor satanico, e no apogeu do seu odio á Religião de Jesus Christo. . .

«Lêde esta historia. Meditae n'este penoso e permanente martyrio de sete annos, que soffreram as sanctas religiosas do convento de S. Basilio, de Minsk.

«Nada mais barbaro! Nada mais doloroso! Nada mais edificante todavia, que vêr estas senhoras, pacientes e corajosas, supportarem os flagelos mais barbaros, sem aos algomez ser possivel arrancar-lhes a apostasia!»

E' com effeito impossivel ao coração verdadeiramente christão, deixar de sentir uma profunda magua e uma dôr acerba, ao vêr a tyrannia opprimir tão barbaramente umas pobres religiosas, que outro crime não tinham, senão a sua obediencia ao Vigário de Christo na terra; mas tambem é consolador observar a constancia e coragem, com que se resignaram a soffrer os trabalhos mais duros e superiores ás suas forças; tendo sempre os olhos em Deus, por quem padeciam e morriam! . . .

## II

Corria o anno de 1838, e Makrena Micyslawska, abbadesa do convento de S. Basilio em Minsk, fôra muitas vezes, no estio d'esse anno, convidada com todas as religiosos, do seu convento, a mudar de religião; quem lhes fazia este

convite era o proprio bispo Siemaszko, seu antigo esmoler, que havia apostatado!

As boas senhoras, firmes na sua fé, recusaram a proposta uma e muitas vezes; aos meios brandos seguiram-se as ameaças, e egual recusa da parte d'ellas.

Nada havia que as movesse a reconhecer o autoerata por seu superior espiritual, e a abraçar o scisma russo.

Tres dias depois da ultima recusa, ás cinco horas da tarde, foram as portas do convento forçadas, e o Bispo á frente de alguns soldados entrou n'aquelle sanctuario de virtude.

— A religião grega, ou os trabalhos forçados e a Siberia: escolhei já.» Tal foi o cumprimento do prelado, ao avistar as religiosas!

A resposta não se fez esperar. A impaciencia do malvado foi satisfeita; mas a esperança de fazer apostatar as religiosas, pelo apparatus da força, foi illudida. O prelado, que tão facilmente abandonára a sua crença, não presumia de certo que os antigos martyres do christianismo iam ter uns imitadores sublimes, nas frageis mulheres, habitantes d'este claustro! . .

— Os trabalhos forçados e a Siberia—responderam ellas em chôro.

— Pois seja, respondeu o apostata; quando á força de açoutes eu vos houver tirado a pelle, com que nascestes, e uma outra pelle vos houver coberto os ossos, então vos tornareis mais tractaveis.»

E deu logo ordem para as arrancar de junto do altar, diante do qual se tinham prostrado de joelhos, ao primeiro ruido da profanação do seu sancto azylo. Eram trinta e cinco. Levantaram-se trinta e quatro. A outra tinha morrido orando! Morreu feliz! . .

Conseguiu a abbadessa, a muito custo, permissão de levar consigo uma cruz grande e pezada, destinada ás procissões, e que ella carregou sempre aos hombros, durante a sua primeira viagem, em memoria de Jezus Christo, caminhando para o Calvario! . .

Os habitantes de Minsk e as creanças, que as boas religiosas educavam, ao saber-se d'este attentado, cercaram-nas, soltando altos lamentos e pedindo graça: as coronhas das armas dispersaram esta multidão incommoda!...

Tinham apenas andado uma legua, quando as amarraram duas a duas, e lhes lançaram grossas cadêas aos pés e ás mãos!...

N'este primeiro dia andaram quinze leguas! Era tal a fadiga e o cansaço, que o sangue lhes rebentava pela boca e pelo nariz!...

Depois de sete dias de forçadissimas marchas, chegaram a Witebsk, e foram entregues á guarda do padre Ignacio Michalewicz, seu antigo capellão, e apostata, que as ameaçava continuamente, chegando um dia a fallar em mandal-as degolar todas vivas!...

O convento das religiosas basilienses d'esta cidade, cuja perseguição começára seis mezes antes, estava então occupado pelas religiosas scismaticas, chamadas *czernice* (damas negras) sob a direcção d'um protopope scismatico!...

Eram estas religiosas, pela maior parte, viúvas de soldados russos e mulheres de vida livre, que passavam os dias e as noites a cantar, a embriagar-se com aguardente, a espancar-se mutuamente, e a soltar, no meio de continuas orgias, vivas ao imperador!...

Das dezoito religiosas, que compunham a communitade catholica, apenas restavam treze; as outras tinham succumbido aos tormentos. As treze supplicavam á superiora das bazilienses de Minsk, que as adoptasse por suas filhas, o que a boa abbadessa fez de bom grado e prodigalizando-lhes mostras de carinho e amor. Eram mais treze companheiras na desgraça!...

Estas quarenta e sete senhoras foram postas ao serviço das religiosas scismaticas. Eram estas as suas occupações:—

Antes das seis horas da manhã, varrer a casa, aquecê-la, preparar a lenha, tirar agua e distribuil-a, e restabelecer a ordem e a limpeza, perturbadas pelas orgias da vespera.

Das seis ao meio dia, trabalhos forçados — quebrar pedra e transportal-a em carros, a que eram amarradas!...

Do meio dia á uma hora, descanso.

Desde uma hora até á noute, trabalhos forçados.

Á noute, limpar as cozinhas e cuidar dos animaes.

Depois de passarem o dia em tão penosos trabalhos, a que se juntavam os mais rudes castigos, eram recolhidas á noute na prizão, sempre com as cadêas!...

O seu leito era apenas uma pouca de palha, e sustento, mau e insufficiente. No estio matavam a fome com herva dos campos; no inverno, com parte do sustento dos animaes!...

«Vós não mereceis o sustento dos porcos lhes diziam as seismaticas!... Seu corpo estava continuamente gelado, porque lhes negavam lenha para se aquecerem!...

Tal era a miseravel existencia d'estas infelizes no convento de Witebsk.

(Continúa.)

Reitor de Mancellos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

---

## O PESSIMISMO

---

O *sunt lacrimae rerum* do grande epico latino projecta-se na consciencia collectiva da humanidade como o primeiro gemido dolente, o primeiro éco de tristeza, que ao deante com o volver das edades se adensa sombrio e lugubre, a pesar como mais um elemento de desequilibrio na sensivel balança social. Qual tenue floco de nuvem, agora esbranquiçada e leve, e logo plumbea e minaz.

Antes, no periodo saturnino das fortes civilisações antigas, em que os homens, ingenuos e bons, de maravilha davam ouzío aos impetos inquiridores da intelligencia; quando, obedecendo á sua fé indiscutida e ás suas gloriosas tradições bellicosas, lhes escasseava tempo para suspeitarem os eni-

gmas acastellados ao longe na periphéria do pensamento, um pouco acima do campo-raso da vida, não se manifestava essa mordida hypochondria, que tão dissolventemente tem collaborado na obra nefasta da desorganisação moral.

E' nas epochas de decadencia que sóem apparecer á suppuração esses laivos sombrios de tristeza agreste, esse tedio de tudo, que esmaga a vontade e annuvia a clara luz da razão.

Por isso viu-se florescer ao declinar da civilisação hel-lenica e ao ruir do magestoso imperio latino, quando a civilisação falseando alfim a sua direcção viril e justa, tombou desfeita, deslaçados os mais prestimosos vinculos da republica.

Pela idade-media além surge, d'onde aonde, esta luctuosa theoria, como ondulação longinqua da estrondosa derrocada romana; mas o christianismo pôde obstar aos lamentaveis desvios que a ella se seguiriam como illação natural.

Veio a Renascença, o refflorir da civilisação classica, e com ella um cyclo d'energia e reconstituição; uma febre d'actividade indagadora. Todas as forças do homem se enfeixaram e adestraram para a escalada dos segredos do pensamento e para a conquista audaz de mundos novos.

Perante esta alegre festa cantante do trabalho, o pessimismo — noitibó sinistro — bateu as azas e desapareceu. Affeita a pupilla á lethargia dormente do nirvana, não supportava a claridade radiante da nova aurora.

Amplificaram-se os lindes do saber.

O indomavel espirito humano remontou-se ás espheras firmamentarias e como que illuminando-se ao contacto de suas fulgurações estellares, surprehendeu-lhes reconditos enigmas. Singrou nas planuras oceanicas roteiros temerarios e aproou as suas galeras a mundos ignorados. Bebeu harto os deliciosos caudaes da sciencia e levantou na sua grande estrada triumphal os primeiros marcos milliaricos da industria. Após, relutando-se um pouco a energia primeira, á sombra amiga dos trophéos colhidos, volveram-se os olhares indaga-

dores da intelligencia para o amplo estadio das questões sociaes e philosophicas.

Surgiram então theorias encontradas no campo escorregadio da especulação pura, e dogmatismos oppostos tiveram seus apóstolos. Do embate renhido de cruzadas tão divergentes nasceu a flor palustre da duvida, e a duvida sceptica engendrou por sua vez o desgosto pessimista.

Foi então seu pontifice, inconsciente talvez, J. J. Rousseau dando como pabulo ás intelligencias desceridas, *as confissões, o contracto social e o discurso sobre a desigualdade* — livros que foram o fermento de graves crises. As obras do philosopho ousado distillavam um veneno capitoso que era sofregamente sorvido. A sua voz foi um *crucifige* gritado contra a *sociedade*, apontada á execração como a criminosa causadora de quantas míserias victimam o homem, e o estado natural levantado nos escudos como o mais feliz reinado d'Astrea. Insensato?... mas applaudido!

O grito desgrenhado do philosopho de Genova fez escola; repercutiu-se longamente, sinistramente; desceu até ao coração do povo e levou a Revolução Franceza, subiu ao espirito dos literatos e creou o Romantismo allemão, francez e inglez. Sim, no fundo do Romantismo estampa-se escura a coloração da tristeza; nas mais das suas produções não raro geniaes, as azas d'oiro da phantasia não logram velar as punções acerbadas da grande amargura.

Assim n'essa *ala dos tristes* que aliás fazem a gloria da sua escola hemos de alistar Byron, Lamartine Musset, Chateaubriand, Leopardi e Espronceda.

Tombou o Romantismo e de suas cinzas, como a Phenix, surgiu triumphal o naturalismo realista. Então foi o accentuar-se a tendencia pessimista. A litteratura entediada de devaneios acorrentou a Imaginação ao *terra-a-terra* da mais positiva realidade. Mas, como bem diz um escriptor illustre «os romancistas quando descem do carro alado da phantasia á arena do mundo actual, atacados pelo amargo descontentamento do que vêem, produzem satyras ou caricaturas como as de Tahkeray, hymnos buddhicos com os de madame Acker-

mann, disseções como as de Beaudelaire, ou quadros funebres de vida real como os de Tolstoï e Zola. :

Tambem no nosso pequeno meio literario tem havido larga copia de pessimismo. Em Herculano teve elle o seu arrebol. Uma tristeza amarissima e um desgosto profundo alastra-se por muitas paginas geniaes do grande escriptor. Em Camillo accentua-se a ponto d'envolver quasi toda a opolentissima obra litteraria do prodigioso estylista, n'um sudario d'amargura onde raro lampejam intercadencias de franca alegria. O seu mesmo *humour* d'onde tantas vezes a gargalhada salta irreprimivel e estrepitosa, tem um travo acre de causticismo mordente a espaços semelhaute a aquelle rir do desesperado, que com mais propriedade se chamara—chorar—. Com Anthero de Quental—o poeta-philosopho que bebeu os phyltros do germanismo—, culminou a *doença da tristeza*. O profundo desgosto dos homens e das coisas que o levou a viver uma vida de sybarita, gasta a dedilhar dores fundas na sua lyra sonora de sonetista, desata-se não raro, commovido e convulso em loucas imprecações e blasphemias contra a Egreja Catholica e os principios beneficos que ella consagra. O peor foi que Anthero com a seducção do seu incontestavel talento attrahiu para debaixo do cyprestal sombrio não poucos dos que constituem a *élite* da nossa literatura moderna.

Não se limitou á literatura a influção deprimente do pessimismo; tambem no campo especulativo se fizeram tentativas para o seduzir a systema philosophico.

N'este ponto cabe o logar primeiro a Schopenhauer « espirito morbido e misantropo » que no seu livro — *O mundo como vontade e representação* — tenta arvorar o estandarte scientifico da sciencia do nada. A voz do philosopho allemão foi um grito de revolta soltado entre o criticismo de Kant e o apriorismo de Hegel, e um claro symptoma do descredito da philosophia.

A doutrina d'este chefe do pessimismo philosophico teve um acolhimento frio. Só mais tarde, depois da queda do hegelianismo, Hartmann publicando a : *Philosophia do In-*

*consciente* » resuscitou a obra de Schopenhauer dando-lhe novo vigor e concorreu poderosamente para que se generalisasse a sua morbida influencia.

(*Continúa*).

Collegio de S. Dámaso 22-1 92.

P.<sup>e</sup> ANTONIO HERMANO.

---

## ANTES DE CHRISTO

### I

#### O ESCRAVO

Na vertente de lá do Calvario era miasmatico o tremedal em que o homem se revolvía, densísimas as trevas que lhe obumbravam a luz da razão. O escravo, esse infeliz que, como verme ascoso, se calcava aos pés, podia, ao passar por entre a sociedade, pedir-lhe um sorriso de compaixão que ella não lh'o dava; de desdem, sim; podia implorar-lhe palavras de consolo e esperança, que ella verter-lhe-hia o fêl da desesperação; podia rojar-se-lhe aos pés, com as lagrimas a requeimarem-lhe a fronte, e a dôr a apertar-lhe o coração, pedindo a pulverisação de seus grilhões, que ella arrochar-lh'os-hia mais. Quantos suspiros sahidos do peito d'aquelle infeliz!

Quantas lagrimas derramadas na solidão do seu desamparo!

O mundo engolfado na orgia dos prazeres, e elle arremessado ao ostracismo do desprezo, sem um clarão a luzir-lhe por entre os negrumes da existencia, sem o anjo da esperança a acenar-lhe lá de longe, alanceado sempre pela dôr, crispado a todos os momentos pelos calafrios do desconforto!

O mundo revolteando no torvelinho das paixões, absorvendo a largos haustos a tepida e inebriadora aragem da felicidade que lhe impregna o ambiente, e elle a tragar as

fezes do infortunio, que lhe esbraseiam a alma e gastam a vida, que o atonisam para todos os rasgos sublimes e tornam apathico a todos os sentimentos nobres!

O general ao voltar do campo da batalha, que juncou de cadaveres e arregoou de sangue, intumescce-lhe os pulsos com as cadeias, atrela-o ao seu carro de triumpho, e elle lá vac, silencioso, reconcentrado na dôr que o excrucia, victima sacrificada nas aras do despotismo!

A sociedade cupida d'espectaculos, em que haja o borbotear do sangue, o denegrir das carnes azorragadas pelo chicote que estraleja, os arrepios e contracções do moribundo debatendo-se nas ancias da morte, pede-os, exige-os, e nos amphitheatros e nos circos rugem as fêras, ouve-se o « *Cesar morituri te salutant* », vê-se o arcar dos pelejadores, ouve-se o ranger dos musculos, o arfar dos peitos, o bater convulso dos corações, vê-se o transmutar das feições, primeiro afogueadas e rubras, depois esvaindo-se, esvaindo-se até chegarem á lividez cadaverica, ouve-se e vê-se o baquear dos corpos, crivados de chagas, perfurados de golpes, os labios a articularem um perdão ou uma blasphemia, as palpebras a cerrarem-se, a cerrarem-se até esconderem para sempre,— a quantos! a esconderem para sempre a vivacidade meiga de olhares que estavam a pedir uma condição melhor! E a sociedade, estonteando-se com os vapores do sangue, emmudece para os gemidos d'aquelles infelizes, e não ouve o moribundo que por vezes exora perdão!

As victimas ciciam ais, e a sociedade troveja gargalhadas.

As victimas choram, e a sociedade ulúla.

Cada ferida que se abre é um arrepio de jubilo que a faz estremecer; as gottas de sangue que empapam a arena parecem volatisar-se e coar-se-lhe na alma como philtro que a delira; o baque dos corpos que cahem inertes repercute-se dentro em si em echos que a insurdescem para a compaixão.

O escravo era assim—soffria e sem intermittencia, e sem um peito onde esconder as lagrimas, e sem um coração que compartilhasse da sua dôr.

## II

## A MULHER

Na vertente de lá do Calvario era onerosa a cruz de trabalhos que pesava sobre a mulher, íngreme e escarpado o Calvario da sua existencia.

Rolavam-lhe pelas faces, de sol a sol, sem estancamento, as camarinhas do suor, diluía-se-lhe o coração em lagrimas que lhe sulcavam o rosto, e no thermometro da estima humana não subia a sua condição. Era então alanceadissimo o viver da mulher!

Podia chorar que não tinha quem lhe enxugasse as lagrimas. Podia contorceer-se nas vascas d'agonia dilacerantissima, que não tinha quem lhe refrigerasse a effervescencia dos padecimentos.

Podia definhar-se minada pelas amarguras, que não tinha quem lhe instillasse algumas gottas de balsamo nas ulceras que lhe canceravam a alma. O sol da sua vida lucilava tremulo e esvaído, no firmamento da sua existencia só volteavam, crocitando, os abutres da desgraça, seu coração estava negro d'uma tetrica negridão.

Para ella só havia tenebrosas nuvens acastelladas em cerros altivos; só havia o escaldar das lagrimas, o estrugir dos gemidos, o despedaçar das dôres.

Almoedava-se nas praças publicas, exhibia-se lubrica nos harens, segregava-se da familia, bania-se do lar, admirava-se-lhe a plasticia, porque era incentivo á volupia, e desprezavam-se-lhe os dotes do coração, que de tanta felicidade podiam aljofarar a humanidade.

A mulher era assim—vergava ao peso do infortunio.

# NINHARIAS

## De Madrid á fronteira franceza (1)

Ainda ácerca do *Buen-Retiro*, que é hoje um dos melhores parques da Europa, direi que houve alli, em 1636 uma famosa tourada, em que um portuguez de appellido—Meneses—*ça va sans dire*,—quebrou 36 rojões, e com a espada deu n'um touro tão fortes cutiladas que, quando este cahiu morto, viam-se-lhe as entranhas atravez das feridas. Caramba! Urrah! pelos toureiros portuguezes antigos e modernos.

Quando ao fim da tarde do dia *2 de maio* nos juntamos para jantar, o padre B., que tinha andado em outro giro, começou a dar largas informações das cousas religiosas de Madrid. Tinha já visitado as melhores egrejas, conhecia os centros de piedade e fallara com alguns *curas* afamados *casuistas*. E dizia contente do que vira:

—Aqui ha muita religião. A Hespanha é um viveiro de santos.

—E de mulheres bonitas, accrescentou sorrindo-se A. de M.

—Ora deixe lá as mulheres, que são a mesma coisa em toda a parte. Fallemos do que é bom.

—Oh as madrilenas de olhos pretos!...

Ninguem tem como ellas, o talhe tão esbelto, ligeireza e graça de movimentos, e esse garbo cadenciado no andar, que fazia dizer a Madame d'Aulnoy: *em cem annos não aprenderíamos a andar assim!*

—Olhe o menino para as mulheres que andam por este mundo, como andou Santa Thereza de Jesus, e fuja das tentações da *serpente*.

O D. H. cortou n'este ponto o dialogo dizendo: vamos dar uma volta pelos Cafés: e sahimos.

(1) Este escrito é a continuação d'outros já publicados em diferentes *Revistas*. Como se tracta de *Ninharias*, não vale a pena dar mais explicações.

Quasi todas as pessoas que visitam Madrid fallam muito dos seus magnificos cafés.

Não foram os de grande nomeada, que me proporecionaram as horas mais alegres da noite.

Se o portuguez macambuzio quer aligeirar as penas da sua triste vida, não vá aos cafés *Imperial e de Fornos*, ambos com musica e canto, que mal se ouvem no meio d'aquella ruidosa concorrencia; vá antes ao *jaleo na Calle de Carmen*, não muito longe *da puerta del sol*.

Ahi, sim, vê cousas novas e bonitas.

Tem musica, canto e dança,—uma dança que só se vê em Hespanha. Eu nunca vi cousa assim. Só o hespanhol é capaz de vencer aquellas difficuldades de passos arriscados, saltos bestiaes, voltas e reviravoltas ao som da bandurra, das castanholas e da pandeireta. Deve ser n'esta dança do *jaleo* que se filia a lenda horrivel dos *bailarinos*, contada pelo padre Manuel Bernardes na sua *Nora Floresta*.

Finda a tal dança, uma mulher feia com voz de contralto rompeu a cantar:

Tu amor es como el toro,  
Que donde lo llaman va;  
El mio como la piedra,  
Ninã de mi corazon  
Onde la ponen se está.

Hum! . . . bem me fio eu n'isso, disse do lado, a meia voz, A. de M. muito entendido em cousas de amor cantado. E n'um tom de magoa, que inspira a desgraça d'essas mulheres, a que Cervantes chamou *mozas de bueno partido*, recitou-nos o nosso amigo estes versos de Campoamor, que definem os descendentes do pae Adão.

A' fuerza de burlar y ser burlado,  
Se adquiere este secreto:  
Que el hombre es un perfecto condemnado,  
Y la mujer un angel incompleto.

JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES.

# A ESCOLA

---

Os vigamentos do cadafalso são hoje, o pavimento da escola, esse alveolo sacratissimo, onde desabrocham n'uma florescencia d'amor e esperanza, as tenras almas d'essas gentis creanças, que são hoje o enlevo dos paes e amanhã serão o sorriso do lar.

Grande e divino é o apostolado da escola; fagueiro e difficil o apostolado do ensino!

Fazer surgir na penumbra d'um espirito a luz d'uma ideia e fazer brotar do coração a onda encantada dos affectos; anortear seguramente essa ideia na bussula da verdade, e depurar desveladamente esses affectos no erisol da virtude; educar o joven em todo o nimbo da sua pureza e realçar-lhe mais e mais o prestigio social; dar-lhe a subjeição obediente de filho, o sacrificio devotado de esposo e o dever espinhoso de pae: — eis a escola.

A escola é um templo e um altar: templo das grandes sociaes e altar das redempções sociaes. A escola assim é a traducção fiel e nitida do divino ideal de Jesus, que aconhegou ao seu coração immenso as louras cabeças das tenras creancinhas.

Grande como o mar que se desenrola ahí nas nossas praias d'ouro, immensa como o ceu que se desdobra sobre nossas cabeças em pavilhão azul, é a influencia da escola. Estabelece principios, insinua creanças, illumina escuridões, apaga preconceitos e tranca as portas do presidio.

E' a base sobre que assenta o bem estar social, é o laço das relações individuaes, é o cimento da grande fraternidade humana. A escola é o adito do futuro, o repositario do passado e a craveira do presente. E' a fonte da vida do espirito, é a unica panacea capaz de cicatrizar todas as feridas pelas quaes se sangra toda a esperanza da sociedade actual. Na escola, n'esse ambiente tepido de virtude, n'essa atmospherá quente d'amôr, é que se lavram as primeiras

inolvidaveis impressões; é lá que o espirito recebe os primeiros influxos do conhecimento; é lá, n'esse fóco de luz, que horisontes mais dilatados se rasgam á intelligencia.

No principio dos tempos o espirito de Jehoval, desceu sobre o cahos e transformou-o na irradiante fulguração da luz; e o Educador, creador de todos os dias, desce a esse mundo em trevas da creança e faz apparecer, tímida e oscillante, vaga e indiciosa, a primeira noção da sciencia: e a creança então sente que dentro de si se passa uma revolução, estupenda revolução que terá o poder de a encaminhar e de lhe dirigir a inspiração para um ponto unico—na realisação do seu unico fim.

Na historia do Egypto, n'essa nação mysteriosa como os seus hieroglios e viva ainda como as suas gigantesças pyramides, ha um facto que vem á maravilha recordar aqui.

Um rei tão illustrado como conceituoso, profundo conhecedor das miserias sociaes e das miserias individuaes, levado pelo seu amôr á sciencia, fundou uma bibliotheca e mandou insculpir no seu frontispicio, em flores d'ouro, estas celebres palavras: *Remedios d'alma*:—e nós tambem ao descerrarmos pela vez primeira, as portas d'uma esecola, poderemos gravar no seu frontão: *Remedios sociaes*.

Collegio de S. Dámaso—10—1 92.

J. MACHADO.

## CRUZ DO CEMITERIO

(A AUGUSTO VIEGAS)

Oh cruz, pharo! amigo nas procellas  
d'esta vida agitada,  
que sacrilega mão irreverente,  
te deixou mutilada ?

Quem foi, que ingrato á sombra com que velas  
as gerações no pó,  
na base de granito, te deixou  
quebrada, triste e só ?

Quem foi, que, ao despedir rude pancada,  
 não se temeu ousado,  
 de ouvir de um pae, na extincta voz amiga,  
 um gemer de finado ?

Quem não receïou a magestade austera,  
 alli vêr resurgir,  
 e, ao irado relampago do olhar,  
 o impio confundir ?

\*  
 \*     \*

Pelos desvios da terra,  
 pobre, errante, desgraçado,  
 gemia leprôso, em culpa,  
 o homem prevaricado.

E tu, oh cruz, tu te ergueste,  
 como o sol a ignea fronte ;  
 derramando ondas de luz,  
 tu surgiste no horisonte.

O escravo sentiu cair,  
 às plantas o seu grillião ;  
 o inimigo ao inimigo  
 abraçou como a irmão.

A creança rôta e só  
 jámais não foi na orphandade ;  
 por mãe a teus pés, oh cruz,  
 encontrou a caridade,

E a multidão hasteou-te  
 no lar, no templo, na estrada !  
 Contigo travou a vida,  
 quiz-te na loisa plantada.

Rediviva a humana raça,  
 a teus pés ajoelhou ;  
 como a hera a rude tronco,  
 a ti, oh cruz, se amparou!...

\*  
 \*     \*

Mas não foi pela cruz redemptora,  
a humana piedade eternal,  
que cahida, eu agora te encontro,  
meio quebrada no teu pedestal,

Com o peito mirrado de viboras,  
dos seus crimes o homem vencido,  
corre. corre na terra phrenetico,  
do seu Deus e de ti esquecido.

E, arrastado na escura voragem,  
para eterno castigo esquecer,  
'té na campa, em que dormem os seus,  
veio teu braço partir, offender.

Miseravel, covarde, que á fé,  
assim podes teus olhos cerrar !  
De teus paes, a gelada pocira  
vá teus olhos tão impios cegar! . . .

Prior em Cintra.

MATTOS FERREIRA.

## A CRENÇA

### I

Porventura já algum d'entre vós, meus bons philosophos impiamente descrentes, contemplou alguma vez, ao descair da tarde, junto á praia silenciosa, quando tudo dorme e descança para a labuta do dia seguinte, quando nada mais se ouve que o arfar das ondas e o gemer do vento, nenhum de vós contemplou já esse panorama sublime das forças da natureza enquadrado n'esta moldura magestosa do firmamento e do mar?—as ondas marulhosas, a planura infinda, a penedia sinistra, os hymnos da tempestade, o ceu vividamente constallado, as estrellas, as espheras, os mundos fulgurantes, innumeraveis, quasi infinitos. . . contemplastes? E não vos esmagou a magestade assombrosa do quadro e não vou feriu

a intelligencia a sabedoria que n'elle refulge? e não vos arrancou bem do fundo d'alma a confissão irreprimivel da existencia d'um Deus omnipotente?

Podereis então alimentar a idéa de que não ha um Creador, e de que tudo isso que vedes é obra inconsciente das forças da materia?

Oh! não vos creio sinceros. Por força trahis a vossa consciencia, cortaes os adejos á vossa intelligencia, esmagaes o vosso querer intimo!

Mas se assim não é, sêde ao menos generosos: provae os vossos impios assertos com argumentos irrefragaveis: fazei luz inteira sobre as vossas theorias nebulosas. Vós os titans que ousaes desthronar Deus a relegar todas as theogonias para o saguão das velharias archiologicas, tendes o dever de pronunciar um *fiat* mais luminoso que o grande *fiat* de Jehovah; de contrario assiste-nos o direito de vos apontar á gente sensata como indecorosos charlatães.

Em todas as sciencias quer physicas quer mathematicas, assim sociaes como moraes existe uma fé cega e machinal sem uma tradição, nem escriptura que lhes seja firme base. E, no entanto, o racionalista engeita o dogma do christianismo e admite o dogma da sciencia!

Para estudar o christianismo em si e nas suas multiplices influencias, o philosopho entende poder dispensar a fé, e para realisar uma das mais simples experiencias, ou uma das mais triviaes observações historicas, psychologicas ou philosophicas, abraça-a com toda a sua alma!

Não ha maior felicidade que a d'uma intelligencia que a duvida não tortura.

O bom homem do povo cujo espirito ingenuo, as incertezas da sciencia não inquietam, é crente. Pouco lhe importa que o sol esteja parado como ensina Copernico ou que gire á volta da terra como diz Plolomen. Crente desde o berço, crente vive e crente desce á valla tumular. Mas as verdades em que os espiritualistas crêem, dizem os positivistas, não podem entrar do quatro da sciencia que para ser tal tem de ensinar factos empiricamente constataveis. A ve-

rificação, positiva dos factos é a condição primeira da sciencia.

Esse velho exclusivismo já agora decadente é uma verdadeira violação do espirito humano, é circumscrever a orbita das suas faculdades a um plano muito restricto, é a exautoração da intelligencia.

Álem e acima d'essas faculdades sensorias, outras ha mais elevadas e mais nobres cuja missão não é, não pode ser, deixarem-se ficar presas ás verdades positivas da realidade que sentimos, mas sim elevarem-se do sensível ao supra-sensível, da materia ao espirito, da natureza até Deus.

J. D'OLIVEIRA.

---

## DELENDÁ RELIGIO!

a Venancio Deslandes Correia Caldeira

---

Sempre temos ouvido este grito blasphemo desde que existe a religião do *Crucificado*.

Muitas intelligencias desvairadas tem-se valido da penna e da palavra para, soltos os diques aos tresloucados arrojós do pensamento, formular sophisticos argumentos com que julgam derribar do alto do seu inconcusso pedestal de granito a religião de Jesus. Baldos esforços. A Egreja, cimentados os seus alicerces com o sangue do Martyr da Cruz, não oscilla aos mais desapiedados embates dos seus adversarios mais ferrenhos.

Na verdade, como poderão elles destruir uma religião cujas bases o proprio Deus lançou? E como é que existem homens tão singularmente dementados que tentem supprimir da face da terra essa obra grandiosa? Não, não se aniquilla por meios humanos uma instituição divina e miraculosa na sua origem e no seu fim.

Mas pergunto:—para que se ha de destruir a religião? para que votar assim á execração do odio que só as grandes aberrações merecem, uma instituição largamente benemerita, cujos fastos gloriosos são uma folha formosissima de bons serviços sociaes e em roda de cuja bandeira prestimosa se agrupam trezentos milhões d'adeptos, entre os quaes não faltam muitas das mais respeitaveis culminações do saber? porque?

Será por causa dos seus meios de propagação? Não o cremos. A religião catholica sentindo-se forte na convicção intima da verdade que apostolisa, usou sempre de meios brandos. Os seus apóstolos arvoravam o estandar-te da Cruz nas plagas remotas onde levavam a semente da *boa-nova* e prégando com a palavra, com o exemplo e com assombrosos milagres conseguiram attrahir á grey eleita proselitos aos milhões. Uma religião de paz e amor, cujo primeiro preceito practico é a caridade não podia ser propagada d'outro modo. Por isso se algum dia se empregou a violencia como meio de conservação e propaganda violou-se flagrantemente a constituição fundamental do christianismo e a vontade expressa de Jesus que deseja que a fé seja um *obsequio racional*, e jamais uma imposição brutal da coacção. O insano *crê ou morre* dos sectarios de Mafoma, que, arrancando do alfange curuscente, apontando-o como um punhal ao coração de suas victimas, pode servir para uma seita hypocrita que desconfia do seu credo e nunca para uma religião que está plenamente certa da verdade dos seus ensinamentos.

Será então por causa da sua influencia social? Impossivel! O christianismo foi uma remodelação social profundamente benefica. Levantou a mulher da ignobil condição servil que lhe crearam as iniquas legislações antigas e os principios consagrados do paganismo; aboliu o patrio poder — um absurdo convertido em lei; — deu o primeiro golpe fundo na escravatura gravando no lema de sua bandeira a palavra—egualdade—; foi a Cruz o inicio da democratização dos povos; foi ella que fez penetrar a grande luz da liber-

dade nos codigos e nos costumes. Desde Jesus até hoje o christianismo tem trabalhado gloriosa e persistentemente na faina bemdita de aplanar todos os disequilibrios sociaes; e quasi o tem conseguido.

Portanto a influencia social da Egreja longe de auctorisar os homens a gritar o seu impio — *deleuda*, dá-lhe jus a uma gratidão infinda.

Será então por causa do fim ultimo que nos aponta, que a religião deve ser destruida?

Não por certo. O seu fim ultimo é a consagração da crença na immortalidade da alma; Se ella não incluisse nas verdades do seu *Symbolo* este principio fundamental, deixaria por isso mesmo de existir.

E' essa crença a lei unica que pode imperar com força no intimo de consciencia, é a causa primaria da honradez individual.

Exige esse principio salutar, a grande consciencia collectiva de humanidade, como desagravo ás injustiças flagrantes a que tantas vezes assistimos.

Em summa, no codigo sublime da Religião Catholica luz sempre a justiça, o bem, a liberdade, a egualdade, e tantas outros principios que todos os pensadores têm considerado como a unica base estavel d'uma verdadeira civilisação.

(*Continúa*).

Coimbra, 15-1-92.

J. PEREIRA DA COSTA.

---

## A DONZELLA PROFESSANDO NO CLAUSTRO

---

Que uma pobre mulher, depois de trilhar o caminho do crime, olhe para o passado com lagrimas de verdadeiro arrependimento, e dedique o seu atribulado coração a esse Amante divino, que para redimir e salvar a humanidade, derramou

todo o seu preciosissimo sangue nos braços da Cruz, não admira: é natural a todo o espirito destranquillo e amargurado o desejo da paz e da ventura.

Mas que uma donzella beba com o leite as proficuas lições do Evangelho, espesinhe denodadamente os fagueiros convites da concupiscencia, postergue o que o mundo chama fortuna, e consagre, em fim, ao seu Deus e só a elle, o seu bem formado coração, eis o que parece transcendental á conducta licenciosa do presente seculo, e superior, sem duvida, ás ideias innovadoras de nossos desgraçados dias.

Tal é comtudo o brilhante espectaculo que, no meio de tanta incredulidade, se offerece aos olhos de todos. E não será isto uma prova luminosissima de que só Deus é amavel por natureza, e de que tudo que não seja Deus, é vão e desprezível mais ou menos, excepto a virtude?

\*

Não desampara Deus os mortaes.

Vejamos um factó que nos annuncia a conducta ordinaria da Divindade em busca dos que lhe fogem, ou que são faccis em desconhecer seus beneficios e menosprezar seus favores.

Delinuiu o primeiro homem, e eis que principia a alongar-se do seu Deus. Podia Deus, desde logo, sem desdoiro algum de sua santidade, deixal-o entregue para sempre aos effeitos desastrados de seu criminoso attentado, porque nada lhe devia. Mas quem ama muito, muito perdoa. Desce Deus até ao centro do Eden, onde já o ingrato devorava, em silencio, os seus remorsos, e faz-lhe ouvir inesperadamente esta voz affectuosissima:—Adão, lhe diz, ó obra especial de meu amor, onde estás? Porque me deixas? Porque me foges? *Ubi es? Tu, para quem eriei o ceo com tantas bellezas e a terra esmalhada de tão variegadas flores, ubi es? Tu, o rei da criação,*

(1) Gen. iii, 9.

em cujas mãos deixei o dominio de minha obra immortal, em cujo espirito estampeí o grande codigo da razão, *ubi es?* Tu, o meu retrato, a minha bella imagem... *Adam, ubi es?*

E assim como Deus buscou outr'ora no Eden o progenitor da humanidade, assim a voz da graça, prevenindo os delirios da natureza, busca ainda hoje os mortaes na superficie da terra. E' por isso que nunca faltarão vocações para o estado religioso, embora o «Seculo» & C.<sup>a</sup> se irritem, e digam o que só elles dizem.

\*

Levanta-se, porém, em todo o periodo da vida, a voz seductora das tres concupiscencias de que falla a Escriptura, disputando á Divindade os seus direitos.

O homem depois da sua queda, diz essa voz, é nosso patrimonio: justo, pertence á Divindade; mas ingrato e rebellado, pertence-nos: innocente, é de Deus; mas tornado prevaricador é da terra e dos prazeres: antes da queda é do céo; mas depois que delinuiu, toca ao mundo!

Como te enganas, cruel mundo!. . . Como são inefficazes vossas vozes, ó humanas concupiscencias!. . . E' verdade que alliciais os ouvidos corrompidos de muitas almas que se abysmam no limbo tenebroso da sensualidade; mas gritais em vão ao ouvido das almas privilegiadas que, superiores ás paixões e á natureza, sómente ambicionam observar á risca a lei de Deus, e não buscam outra gloria senão—a perfeição.

\*

Oh! como a donzella que vai professar no claustro, se acha abrazada em amor ao grande Deus que a criou!. . . Que summo desejo de ser esposa de Jesus Christo, e que gratidão ao Amante divino, que a chama na sua graça!. . . Com mais ardor não deseja o cervo sequioso as fontes das aguas, diz ella com David, do que eu desejo unir-me com o meu divino Amante; e nem passo amargos dias, nem instantes lacrimosos, senão emquanto me dizem ou me perguntam: Onde existe o teu Deus, ou quem é esse esposo, de que te

honras? *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus... Fuerunt mihi lacrymae meae panes die ac nocte, dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus?* (1)

E quando tantas infelizes amam o mundo, que é cheio de decepções, de amarguras e de vaidade, a professante anhela o venturoso momento de saber viver no mundo sem que seja do mundo, e de existir com o corpo na terra, mas com a alma no ceo: não ambiciona senão o santo veo, o qual symbolisa o cuidado que a professante deve ter em occultar-se aos olhos do mundo, a fim de não admittir na terra outro amor, nem outro amante, que não seja Jesus Christo. Dedica-se, por amor de Jesus, á obediencia, á pobreza, e á angelica castidade, e não ha nada que a separe de seu divino Esposo. *Quis ergo nos separabit a charitate Christi?... Neque mors, neque vita... neque instantia, neque futura... neque attitudo, neque profundum, neque creatura aliqua poterit nos separare.* (2)

Mas em vão a professante se dizia esposa de Jesus, se não abandonasse as riquezas da terra: desprende-se, porém, d'ellas, porque seu divino Esposo se fez tão pobre e indigente, que chegou a dizer de si mesmo:—Têem as raposas suas covas, e Eu não tenho onde possa reclinar a minha cabeça.

Em vão se diria sua esposa, se não abraçasse a sublime e angelica virtude da castidade, que tanto Elle prezou no mais caro de seus discipulos, e que foi o mais brilhante distinctivo de sua propria Mãe. *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* (3)

Em vão se diria sua esposa, se não estampasse em si mesma a imagem da humildade e submissão de Jesus, que

(1) Psalm. xli, 2 e 4.

(2) S. Paulo aos Rom. viii, 35, 38 e 39.

(3) Cant. iv, 7.

depositou sua vontade nas mãos de seu *Eterno Pae. Pater... non mea voluntas, sed tua fiat.* (1)

Em vão, finalmente, se diria sua esposa, se não fosse obediente, pois Jesus Christo o foi sempre até á morte. *Obediens usque ad mortem.*

Só assim é que a professante é verdadeira esposa de Jesus, e não pôde ser predestinada sem copiar em si mesma a imagem adoravel d'um tal modelo. *Nam quos praescivit, et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui.* (2)

\*

Quão feliz é uma donzella, que professa no claustro!

Que o digam essas desventuradas que, cedendo á voz de um seductor que pôde illudil-as, amarguraram para sempre sua vida juvenil, manchando um nome que as fazia caras aos mesmos anjos, e preparando para a velhice o terrível castigo dos remorsos!

Que o digam aquellas mesmas que se acham enlaçadas matrimonialmente, laços que a natureza não recusa e a Religião santifica. Ah! Como ellas suspiram ainda por aquelles ditosos dias em que ninguem lhes dava o nome de mãe, nem homem algum ousava mandal-as como senhor, e muito menos regêl-as como tyranno!

Se se perguntar, porém, ás Religiosas se vivem felizes e contentes com o estado que abraçaram, deixando o mundo por Deus, e não desejando senão a Deus, ellas responderão que não deixam de dar continuas graças ao Senhor por havel-as desviado do seculo.

E' porque, para o individuo se santificar, não bastam palavras e desejos, mas são necessarias obras; é preciso empregar os meios. E onde, como no claustro, se faz oração mental quotidiana, se frequentam os sacramentos, se abandona inteiramente todo o affecto e vaidade terrena, etc., etc.?

(1) S. Luc. xxxii, 42.

(2) S. Paulo aos Rom. viii, 29.

«As filhas de Clara (diz Chateaubriand, fallando das irmãs de Santá Clara) pisam com os pés descalços as campas geladas da sua claustra. Não penseis, porém, que ellas sejam desditosas com taes austeridades: estão puras de coração, e fitam os olhos no ceo em signal de desejo e esperança. Um vestido de estamenha parda é preferivel a galas sumptuosas compradas a preço da virtude: o pão da caridade é mais são que o da libertinagem. De quantas amarguras as não salvam esses véos cahidos entre ellas e o mundo?» (1)

\*

O «Seculo» e *secularios*, porém, entendem, em seu *alto saber*, que não devem existir, em Portugal, institutos religiosos, ou coisa que com elles se pareça: mas casas de prostituição... essas podem estar abertas de dia, e de noite... são escholas de *toda a moralidade*, que o «Seculo» & C.<sup>ª</sup> approvam e applaudem com o seu silencio. Contra taes casas não berram elles.

No sentir do «Seculo» a donzella que enverga as vestes do prostibulo, é muito mais feliz que aquella que segue a vida religiosa. E' por isso mesmo que as Guilherminas são innocentes, e criminosas as Collectas.

Padim da Graça—Outubro de 1891.

P.<sup>º</sup> JOAQUIM J. SOARES.

---

## À RODA DA POLITICA EUROPEA

---

A Europa—a terra classica da civilização—sente no seu vasto organismo complexo um mal estar torturante. Parece que no seu horizonte social e politico ha sombras que prenunciam futuras mas não remotas procellas.

---

(1) Genio do Christ. Vol. 2.<sup>º</sup> cap. vi.

O proletariado — elemento imponderavel não ha muito ainda—faz-se hoje respeitar e temer. Os governos impallidecem de pavor quando contemplam as manifestações formidaveis d'essa potencia nova que se organisa e apresta para a grande luta d'amanhã. São os fructos d'uma sementeira. Acirraram na alma ingenua do povo que trabalha e soffre o estimulo estonteante da ambição e do despeito; romperam a amura da fé, unica represa poderosa á agitação soffrega e irrequieta do espirito humano—agora colham as ruins consequencias da sua louca imprevidencia os que guindaram o *porro soberano* ao throno phantastico d'uma realeza mentida.

Pelo lado politico não se nos affigura mais remançosa a situação.

Ao norte o colosso moscovita prepondera e impõe a sua vontade. Conscio da sua força immensa, segue imperturbavel a linha tradicional d'expansão e engrandecimento, levando agora á sirga a França porque isso faz boa conta ás suas ambições. Na Asia vae ella tecendo devagar mas persistentemente a trama da sua consolidação e pesa cada vez mais como uma ameaça sinistra sobre a India Inglesa e o Imperio Chinez. Na Europa precisa de destrancar o estreito de Dardanellos para poder expandir nas aguas do Mediterraneo a esquadra do mar Negro; por isso não desfita Constantinopla. E lá chegará. O futuro é largo.

No centro da Europa levanta-se como guarda pretoriana da paz e mantenedora do equilibrio europeu a *Triplice Alliança*. Mas aos povos que a formam une-os o medo common que não a sympathia intima, sem a qual não ha alianças perduraveis. Entre a Italia e Austria ha um ajuste de contas protelado, mas não esquecido, e entre a Allemanha e Austria ha ainda velhas questões em aberto.

A França, potencia d'enormes recursos, mas desajudada de governos fortes e d'uma politica sensata, continua a ter no alto do seu programma a palavra—*revanche*. O odio ao allemão, concentrado na alma bellicosa do povo francez é talvez o elemento mais perturbador da sua acção politica. A aventura de Boulanger e as descompostas e impoliticas ma-

nifestações em favor da alliança russa, são d'isso um exemplo frisante.

A' italia pesa-lhe sobre o coração como um remorso vivo a questão romana. E' esta talvez a mais importante e a mais difficil das questões europeas. As outras são mais politicas do que sociaes; esta é mais social do que politica; aquellas servem quando muito os interesses d'alguns povos; esta envolve os interesses da humanidade; porque o poder moral da Egreja faz-se sentir d'uma extremidade a outra do mundo. E' um espinho doloroso cravado no coração mesmo da *Italia una*.

A Hespanha, relegada para um plano secundario no concerto da politica europea, vê hoje surgir no seu horisonte e pelo seu lado mais vulneravel — o littoral barbaresco — a vital questão marroquina.

Sobre o anarchisado imperio de Marrocos cahem as vistas cobiçosas de varias potencias. Sem falarmos já na Hespanha a quem o protectorado de Marrocos deve pertencer por direitos tradicionaes e historicos, afiam as garras para empolgar a presa, a França, a Inglaterra e mesmamente a Italia. E' uma das mais importantes chaves estrategicas do Mediterraneo; não admira pois que tantos a appetçam.

A' Inglaterra não lhe sorri inteira fortuna. Já sente fugir-lhe o imperio exclusivo dos mares. As forças navaes d'outras potencias estão a ponto d'egualar a armada britanica; o Mediterraneo deixou já de ser um lago inglez; a Russia e a França reprimem-lhe os impetos na Asia; A Australia a colonia do Cabo o Canadá e a India suspiram pela independencia, e não virá longe o dia em que não seja sufficiente para conter o fremito audaz da liberdade, a rede de couraçados disseminada por todos os mares.

Soaria para o brutal colosso a hora da ruina?

## QUATREFAGES

A sciencia e a sociedade franceza acabam de vestir-se de luto pela morte do eminente naturalista Quatrefages. Cheio de vigor e força, não obstante contar já 82 annos, uma congestão pulmonar arrebatou-o no curto intervallo de tres dias á admiração do mundo scientifico. Nada fazia prever uma morte tão rapida. Ainda na semana, que precedeu a sua morte, assistiu elle, regorgitando de vida, a uma das sessões do Instituto. Fazia ainda por essa occasião uma importante communicação baseada nas theorias transformistas. Analysando o trabalho de M. Regnault sobre o pé dos Indios, demonstrou que este, apesar das qualidades preheis desenvolvidas e conservadas hereditariamente, durante ininterrompidas gerações, não tinha soffrido nenhuma modificação anatomica que lhe podesse occasionar as funcções da mão. Por consequencia a theoria evolucionista não póde deduzir d'este exemplo argumento plausível.

E' geralmente sabido que Quatrefages foi durante toda a sua vida um adversario implacavel do darwinismo; verdade é, que muitas vezes patenteou a sua admiração pelo sabio inglez, todavia não deixou de amontoar objecções sobre objecções contra as doutrinas por elle propaladas. Collocava-se, para as combater, no campo strictamente experimental, e, ha alguns annos, n'uma conferencia que deu echo nas assembleias scientificas, procurou estabelecer, baseando-se em diversas auctoridades, *que esta doutrina, que não era a sua, não estava, pelo menos nos seus princípios fundamentais, em opposição com o texto genesiaco, e que muitos theologos catholicos, sem perda d'este nome, a accitaram sem repugnancia.*

Serviu-se d'este mesmo terreno exclusivamente scientifico para demonstrar a unidade da especie humana. Na sua *Introdução ao estudo das raças humanas*, os dois ultimos volumes sahidos da pena d'este sabio, o illustre professor do Museu, expõe que não ha senão tres typos primordiales, derivados d'uma especie unica, estabelecidos em volta do macro central asiatico. O typo americano, pois, não seria mais que o producto da mistura da raça amarella com a raça branca.

Luiz Armando de Quatrefages de Breau, pertencia a uma antiga familia protestante do Languedoc. Nasceu em Garde no anno de 1810. Depois d'um brilhantissimo curso de preparatorios, foi estudar medecina para a universidade de Strasbourg, onde recebeu a borla de doutor. Começava a exercer a sua formatura, quando foi nomeado professor substituto de Chimica na Universidade de Tolosa.

Todavia as sciencias naturaes atrahiam-no sobremaneira; diversas memorias publicadas sobre questões d'anatomia motivaram, em 1838, a sua nomeação de professor de Zoologia na mesma Universidade. Não encontrando na provincia os elementos sufficientes para as suas investigações, não hesitou um momento só em se dimittir das suas funções para ir estudar a Paris, theatro mais vasto para as suas grandiosas aspirações. A principio tornou-se conhecido pelos artigos de vulgarisação publicados na *Revista dos Dois Mundos*. Depois emprehendeu viagens scientificas pelas costas do Oceano, Mediterraneo e mar Adriatico, obtendo n'ellas uma copiosa collecção de observações que attrahiram para elle os olhares do mundo scientifico.

Em 1850 foi nomeado professor do lyceu de Nopoles e pouco depois, toma posse da cadeira do Museu, que occupou magistralmente até ao ultimo da sua vida.

Quatrefages foi um naturalista eminente, um geographo e um antropologista consumado. Sabio como Cuvier e eloquente como Massillon, soube pela magia da sua palavra, reunir em volta da sua cadeira, por mais de meio seculo, um auditorio numeroso e instruido. As suas numerosas memorias, os seus artigos, o Diccionario encyclopedico das sciencias medicas, as suas obras de vulgarisação, as suas communicações ao Instituto, constituem uma bibliotheca consideravel que resalvará a sua memoria do pó do esquecimento. Pela dignidade da sua vida e pela amenidade do seu caracter, soube conquistar até mesmo a estima dos seus adversarios, e a sua morte deixará no coração de todos os francezes a profunda saudade que causa o desaparecimento d'um grande homem.

## NOTAS E IMPRESSÕES

(A criminalidade e a instrução—o éther—A concentração catholica—mortos illustres—)

Estadísticas todos os dias assoalhadas pela imprensa constataam de maneira curiosa que aquelle dicto festejado—*abrir uma escola é fechar uma cadeia*, não passa afinal d'uma utopia formosa, boá só para tema de roçagantes tiradas literarias. E' que a instrução, por intensa e extensa que seja, desajudada da educação, centuplica, com os meios que a civilização dá, a perversidade nativa da alma humana. Ora modernamente instrue-se, mas não se educa: cultiva-se em excesso o cerebro e deixa-se de pouso o coração. E' um sestro funestissimo? De certo; mas irremediavel emquanto o nosso systema d'instrução for tão absurdo que deixe a educação secundaria a cuidado do Estado e converta os estabelecimentos particulares em *fabricas d'examens*. Assim, uma educação intellectual e moral, sã e solida, como a está exigindo a nossa sociedade decadente, é impossivel.

\* \* \*

Os ousados peoneiros da sciencia que se abalançam a visionar os segredos do porvir, affirmam que o éther—fluido subtil que envolve os corpos—será nas éras d'alem, um agente scientifico de primeira ordem, e que, sobretudo como meio de transmissão, está destinado a supplantar a electricidade. Seria. A sciencia tem avançado tanto, que temerario seria quem ousasse negar que ha ainda um largo estadio a percorrer.

E' effectivamente certo que as sciencias occultas (em algumas das quaes se suppõe ter acção o éther) tendo sido deixadas até hoje á exclusiva exploração grosseira dos churlatões, principiam a ser cuidadosamente ponderadas por alguns sabios

Que esses louvaveis esforços se traduzam em realidades uteis, são os nossos votos.

\* \* \*

Lemos ha dias na *Palavra* dois magnificos artigos subordinados a este tema—*uma concentração catholica*. Como esse é uma das idéas fundamentais do nosso programma, registraremos sempre quaesquer esforços que a imprensa religiosa faça em prol da unificação do catholicismo portuguez.

Todos os dias ouvimos dizer que os catholicos são a maioria, e é esta uma verdade que gregos e troianos reconhecem. E' pois justo que sejam tambem a força, e que cessem d'ir a reboque dos partidos politicos.

\* \* \*

Durante o corrente mez desceram á valla tumular homens eminentes que merecem menção especial n'este registo funebre.—

*O Cardinal Manning.*—Este illustre purpurado, digno successor do cardinal Wiseman prestou enormes serviços á Egreja. Aureolado do prestigio que a sciencia e a virtude soém der, desenvolveu enormemente o catholicismo na Inglaterra. Fez ouvir a sua voz no concilio de Vatiçado em favor a infallibilidade pontificia e a sua eloquencia arrastou convencidos quasi todos os seus conterraneos.

Nos ultimos annos da sua vida quiz sanar a chaga do pauperismo que roe as entranhas da rica capital ingleza, e para isso estudou com ardor a questão social. Ultimamente a sua arbitragem benefica pôde acalmar a celebre greve das docas que fez tremer Londres. Publicou alguns volumes de discursos.

Foi uma vida cheia, a d'este homem extraordinario. Pertence-lhe um logar no Pantheon dos immortaes.

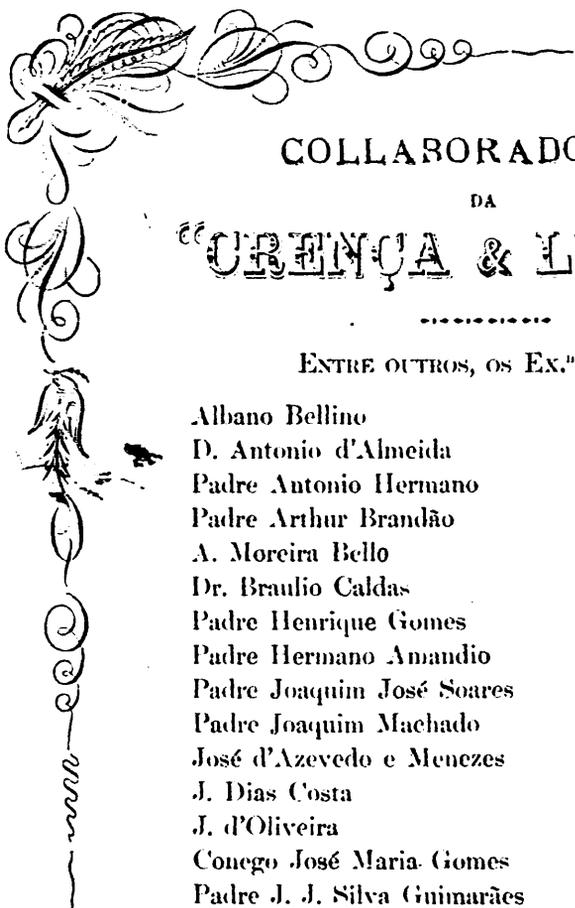
—*O Duque de Clarence.*— Falleceu na aurora da vida e deante da perspectiva d'um throno o herdeiro presumptivo da corôa da Inglaterra. O facto enlutou toda a nação ingleza.

—*Georges Airy.*— Finou-se tambem este celebre astronomico. Realisou importantes progressos e melhoramentos no observatorio de Greenwich. As suas principaes obras são tratados sobre a gravitação, forma da terra, magnetismo e obras mathematicas.

—*D. Antonio da Costa.*— Foi devêras uma perda nacional. Um character honestissimo e um trabalhador incansavel e energico, e a demais d'isso, um talento laureado. Escriptor brilhante, as suas obras—joias de litteratura—alliam ao primor da forma a correção da idéa. Entre ellas mencionamos:—*Os tres mundos, a Instrucção nacional, O Christianismo e o Progresso, No Minho, Auroras da Instrucção* etc. Foi ministro da corôa e exerceu outros importantes cargos publicos.

—*De Quatrefages.*— D'este ensigne sabio damos em outro logar noticia mais desenvolvida.

—*Anderledy.*— Foi o 23.º superior geral da Companhia de Jesus. Notavel pela sua humildade e pelo seu talento. Conhecia muitas linguas. Era tido em subida estima pelo Summo Pontifice, que o consultava em todos os negocios de maior importancia.



COLLABORADORES  
DA  
"CRENÇA & LETRAS,"

ENTRE OUTROS, OS EX.<sup>mos</sup> SNRS:

- Albano Bellino
- D. Antonio d'Almeida
- Padre Antonio Hermano
- Padre Arthur Brandão
- A. Moreira Bello
- Dr. Braulio Caldas
- Padre Henrique Gomes
- Padre Hermano Amandio
- Padre Joaquim José Soares
- Padre Joaquim Machado
- José d'Azevedo e Menezes
- J. Dias Costa
- J. d'Oliveira
- Conego José Maria Gomes
- Padre J. J. Silva Guimarães
- José Victorino Pinto de Carvalho (Reitor de Mancellos)
- Lourenço de Mattos (Prior de Collos)
- Mattos Ferreira (Prior de Cintra)
- Dr. Martins Sarmiento
- Conego dr. Pedro Sanchez
- Pereira da Costa
- Rangel de Quadros

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Assim evitamos difficuldades e garantimos toda a *liberdade* compativel com a indole d publicação.

Convém que estejam na redacção até ao dia 20 de cada mez os originaes destinados ao fasciculo do mez seguinte.



Editor responsavel  
PADRE ANTONIO HERMANO